

DES-ATANDO OS NÓS: VIOLÊNCIA SEXUAL E INTERNET NOS SENTIDOS ATRIBUIDOS PELOS JOVENS

Rutinelli Fávero – UFES/IFES

rutinelli@ifes.edu.br

Resumo: Objetivando descrever as informações, os afetos e as definições sobre Violência Sexual e Internet a partir do que pensam e falam jovens estudantes da Educação Profissional de Nível Médio, refletir questões por meio da experiência de cada um deles com a Internet, e experiências reais de suas vidas. Busca-se sustentação metodológica na inspiração fenomenológica e como prática metodológica o grupo focal. As discussões trouxeram novas visões aos envolvidos quanto à Internet, à violência e a sexualidade.

Palavras-chave: violência sexual; Internet; juventude

INTRODUÇÃO

A frequência de divulgação dos eventos relacionados à violência sexual na mídia, tanto de eventos relacionados ao uso de imagens e vídeos infantis para fins de pornografia, quanto de notícias de aliciamento de crianças e jovens, e todas as outras formas de violência que podemos denominar violência sexual: incesto, estupro, abuso sexual, aliciamento e exploração de menores para prostituição além do envolvimento “consentido” de adolescentes com adultos para fins sexuais iniciado a partir da Internet entre outros são e estão a cada momento aparentes (MINAYO, 2002); (VIGARELLO, 1998); (LANDINI, 2000); (WOLAK et al, 2008).

Interessada por essa temática após os estudos para o trabalho monográfico “Os nós da Rede e a violência sexual contra crianças” continuei a pesquisar durante os créditos do mestrado. E foi durante a navegação na Internet, utilizando a interatividade desta, que recebi um arquivo com um estudo (encontrado e enviado por uma amiga psicóloga atuante em educação) do Centro de Pesquisa de Crimes contra Crianças¹ (CPCC) da Universidade de New Hampshire, Estados Unidos (WOLAK et al, 2008).

Nesse arquivo estavam dados do primeiro e o segundo Levantamento de Segurança da Juventude na Internet². Para tais levantamentos foram realizadas entrevistas por telefone com amostras de usuários jovens de Internet do Estados Unidos, com idades entre 10 e 17

anos, conduzidos em 2000 e 2005 (FINKELHOR, MITCHELL & WOLAC, 2000; WOLAK, MITCHELL & FINKELHOR, 2006).

Além desses levantamentos havia também sobre o estudo Nacional de Vitimização Juvenil Online, que examina as características de crimes sexuais iniciados na Internet entrevistando investigadores da força policial (WOLAK, MITCHELL & FINKELHOR, 2003).

O estudo Nacional de Vitimização Juvenil Online traz algumas conclusões, tiradas no contexto de onde e como ele foi realizado, sobre a incidência e dinâmica dos crimes sexuais iniciados na Internet nos quais os chamados molestadores *online* foram presos pela polícia e sobre as características das vítimas e criminosos.

De acordo com esse estudo, a maior parte dos crimes sexuais iniciados na Internet consistiu de homens que utilizaram as ferramentas da Internet para conhecerem e se envolverem adolescentes. O motivo da preferência por essas ferramentas, também de acordo com o estudo, é a interatividade. Este recurso da Rede que os adolescentes usam muito mais que as crianças, com muito menos supervisão, e que os tornam vulneráveis ao envolvimento emocional virtual que pode desenvolver-se até deixar a esfera virtual e passar (ou não) a constituir-se de abuso sexual, em alguns casos consentido pela vítima que se declara co-autora, ou parceira do abusador.

Embora muitos possam adotar a perspectiva de que se houve uma relação 'consensual' não seria crime uma pessoa maior de 18 anos manter relações sexuais com um (a) menor, o estudo deixa claro que há nessa relação um abuso de poder. Um adolescente não tem, por sua peculiar posição de pessoa em desenvolvimento, o mesmo controle da relação que se estabelece que um adulto poderia ter, não tem a experiência necessária para reconhecer e se esquivar das estratégias de manipulação sedutora, por exemplo. A sedução da relação amorosa acaba perpassando por questões relativas ao poder de uma pessoa sobre a outra, e quando essa outra não está em condições de compreender esses entrelaces a relação não pode ser entendida como consensual.

Ao buscar mais referências de autores que confirmassem ou não em suas pesquisas essas premissas não as encontrei, com a especificidade da temática, no contexto brasileiro. As produções que encontrei, contudo, são de muita qualidade científico/social com equipes extremamente comprometidas. Entre esses, estão as do Laboratório de Estudos da Criança

(LACRI), mantido pelo Instituto de Psicologia (IP) da Universidade de São Paulo (USP) e o do núcleo de pesquisa da Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca (ENSP) da Fiocruz, o Centro Latino Americano de Estudos sobre Violência e Saúde Jorge Careli (CLAVES).

Buscando especificamente interfaces de pesquisas que incluam violência sexual contra crianças e adolescentes e Tecnologias da Comunicação e da Informação (TCIs)³, vi que essa situação é ainda mais lacunar. Destaco as pesquisas nessa área da Dra. Tatiana Savoia Landini, formada em ciências sociais, especialmente sua dissertação, citada em partes desse trabalho, que trata da temática da Pornografia infantil (2000).

Procurando trabalhos específicos dessa temática na área de Educação analisei as publicações da Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Educação (ANPED), de 2000 à 2008⁴ e encontrei 2 (dois) trabalhos nos quais a temática era a violência sexual ambos da Dra. Renata Maria Coimbra Libório da Universidade Estadual Paulista Julio de Mesquita Filho (UNESP). Título: 1 - Pesquisa diagnóstica sobre violência sexual contra crianças e adolescentes: reflexões sobre a ação do educador; e Título 2 - A violência sexual contra crianças e adolescentes na perspectiva de profissionais da educação das escolas públicas municipais de Presidente Prudente.

Na produção de dissertações e teses do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) da UFES, encontrei 5 (cinco) trabalhos nos quais as questões sobre a violência sexual é um assunto que aparece como fundo ou margem da produção. Em nenhuma das produções disponíveis desde a abertura da pós-graduação com o curso de Mestrado em Educação de 1978 encontramos a temática da violência sexual contra criança e adolescentes como objeto principal.

Continuando os estudos, refleti sobre a relevância da junção das temáticas: juventude, violência e Internet, vendo que a mesma é pouco pesquisada, mas que me pareceu de grande necessidade e complexidade social.

Como essa temática é multifocal, os pesquisadores que tratam desse tema também o são. Porém, no âmbito das pesquisas específicas da área da Educação são poucos os que atentaram a procurar uma produção que reflita na temática as questões próprias da educação.

Há muitas questões que podem ser levantadas sobre a ainda parca produção referente à temática. Um dos motivos, talvez seja, a diluição que a instituição escola produz das vítimas da violência sexual? Quem são essas crianças e jovens abusados sexualmente? Eles estão na escola? O que se faz deles dentro da instituição para além do enfoque da denúncia (que é muito importante e de ordem legal)? Como ficam essas pessoas? Um dado que talvez mostre que temos negligenciado isso é que 77,3% das crianças vítimas de exploração sexual não concluem o Ensino Fundamental de acordo com a Agência de Notícias dos Direitos da Infância (ANDI).

Podemos nos perguntar, também, se as crianças e jovens que sofrem violência sexual só passam a existir quando se tornam incomodadoras. Só os desvios (o que não se vê naturalmente) são passíveis de serem notados?

Especificamente sobre o contato com a violência quando se mostra na tela, acredito que a tecnologia distancia-se da dor real. A tela com a qual fomos acostumados a sentar e assistir é a da TV, feita por atores que estão longe, permanecem longe e que na novela apenas encenam a história que alguém pensou. Mas, na tela do computador, nos nós da Rede, os autores somos nós, a interação é peça chave. Até podemos representar personagens, mas eles são criados por nossos sonhos e imaginação ou pela dominação de uma pessoa sobre a outra a partir da força ou da sedução em nome do seu prazer sexual possibilitado pela interação. Segundo Wolak (et al, 2008) a interação é um dos maiores riscos para a vitimação sexual online de adolescentes.

A Internet é um contexto novo de pesquisa, principalmente se considerarmos que ela passou a ser usada pelo grande público a partir de 1994. Mas, hoje ela se consolida como um grande meio de comunicação. Quando se procura alguma informação sobre os fatos da cidade ou do mundo pensamos talvez na televisão, pensamos na escola, pode vir à nossa mente rapidamente os livros, jornais e revistas e, com maior ou menor rapidez vamos pensar na Internet.

De acordo com o Centro de Estudos sobre as Tecnologias da Informação e da Comunicação (CETIC.br)⁵, que é responsável pela produção de indicadores e estatísticas sobre a disponibilidade e uso da Internet no Brasil, seus dados mais recentes em sua pesquisa de domicílios (2007) mostram um aumento no uso de computadores e da Internet

no Brasil. Eles mostram um crescimento do número de internautas, bem como o aumento da compra de computadores pelos usuários e a expansão do seu uso.

Os dados mostram que, pela primeira vez desde que o levantamento vem sendo realizado, mais da metade da população consultada já teve acesso ao computador. Um percentual de 53% dos entrevistados informou já ter usado um computador, sendo que 40% dos respondentes são considerados usuários, dado que informaram ter se utilizado do equipamento nos últimos três meses. (DOS SANTOS, p.35, 2007)

Seja pelo acesso em casa, seja pelo acesso no trabalho ou na escola, os brasileiros estão a cada dia mais “conectados”, “plugados” e isso vai mudando a maneira com a qual as pessoas se relacionam umas com as outras e com o mundo. Nesse sentido, as transformações tecnológicas geram mudanças sociais ocasionadas principalmente pelas modificações nas relações, numa rede de fios entrelaçados e crescentes, pelos quais não se sabe, nem há como se saber, onde essas mudanças darão, mas, há que se refletir sobre suas formas e os objetivos.

O crescimento no uso de computadores e da Internet é notável nos dados do CETIC.br. Nos computadores adquiridos para uso próprio houve um crescimento de quatro pontos percentuais ficando em 2007, presentes em 24% das residências. Nos centros públicos de acesso pago - como *lanhouses* e *cibercafés* – o aumento foi bem maior a ponto de se transformarem no local predominante para o acesso à Internet no Brasil: bem perto da metade dos usuários de Internet navegam pela Rede através desses locais: 49% deles. Ainda que esses números mostrem que grande parcela da população ainda demanda de políticas públicas para que possam ter acesso a essa conexão (e a muitos outros direitos) em suas casas, eles nos mostram também que mesmo sem ter um computador em sua residência, muitas pessoas se conectam a Rede e isso vêm aumentando.

Os motivos dessa crescente ciberconexão são vários: uma necessidade criada por nossos trabalhos, uma facilidade comentada por um amigo e experimentada nas buscas diversas, ou a possibilidade de driblar a solidão de uma noite com as ferramentas interativas da Rede.

Ainda que as condições sociais e econômicas incluam ou excluam do uso da Internet de maneira e níveis diversos, com complexas interfaces que não serão todas expostas aqui⁶, percebe-se que a valorização do Real, a desvalorização do dólar, além programas do governo federal para compra de computadores que⁷ também possibilitaram e possibilitam a inserção de cada vez mais pessoas no uso das TCIs.

Se essa nova relação com a informação modifica relações, reestrutura posições, reafirma ou transforma características individuais e sociais e; se esse novo espaço de comunicação; possível pela interconexão mundial dos sistemas finais, entre eles os computadores, utilizando programas de aplicação de rede (KUROSE e ROSS, 2003,) alimentados pelas informações digitais; constitui-se no ciberespaço⁸ (LÉVY, 1999); então compreenderemos que este espaço possui novas formas de ser/estar (tempo/espaço) que podemos entender como uma cibercultura:

[...] o conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço. (LÉVY, 1999, p. 17)

Nesse mundo da Informação “O mundo contemporâneo é sem dúvida o mundo da informação. A informação se processa em ritmo cada vez mais rápido. As imagens, enquanto veículo de comunicação visual, exercem grande força nesse processo.” (FOERSTE, 2004, p. 15), funciona a cibercultura na qual a imagem constitui uma das possibilidades de texto chamado de hipertextos.

Em meio a tantas mudanças e possibilidades que surgem com a utilização das TCIs, surgem também questões que necessitam de sérias reflexões e posicionamento. Ao falarmos, por exemplo da Internet, entendendo-a como uma grande Rede formada por várias redes, com links que se espalham de maneira horizontal, descentralizada e em permanente dinâmica a partir dos nós/pontos de intersecção, vinculando seus hipertextos em *bits*, também percebe-se que há nós nos nós da rede.

Basta alguns dias assistindo aos noticiários na televisão ou uma breve procura na Internet sobre a temática de crimes sexuais contra crianças e adolescentes para pensarmos estar vivendo uma epidemia. Tanto os eventos relacionados ao uso de imagens e vídeos infantis

para fins de pornografia, quanto ao aliciamento de crianças e jovens, e todas as outras formas de violência que podemos por hora denominar violência sexual (incesto, estupro, abuso sexual, aliciamento e exploração de menores para prostituição entre outros) são e estão a cada momento aparentes, nos deixando confusos e questionando sobre o que fazer.

Mas, a imprensa ao falar da violência não fala das possibilidades, das alternativas, dos dilemas que nos são comuns e cotidianos e das escolhas que podemos fazer:

Bataille afirma que a violência é silenciosa. Melhor dizer que a linguagem comum recusa-se a exprimir as motivações que levam os indivíduos a agirem de forma violenta. A violência, quando produzida, estimula uma proliferação de falas. Mas são falas sobre o erro ou sobre a falta de alternativas: a confissão, a queixa, a denúncia ou as justificativas de conquista ou manutenção da ordem. (GREGORI, 1993, p 197)

O conceito de violência sexual é complexo e multifocal, uma vez que esse tema envolve o campo judicial, no que se refere à Legislação de cada local (país, estado etc); o campo médico na descrição dos problemas de saúde mental de abusadores e vítimas e no apoio/tratamento ods mesmos; o campo biossociocultural e antropológicos, no que se refere à proibição do incesto, por exemplo.

Entendemos que o interesse sexual de adultos por crianças não é um fenômeno novo. Ele aparece em mitos, contos, músicas, filmes, imagens antigas e novas⁹. São deveras imensos e diferentes com contextos, formas e maneiras. Discute-se o que é erotismo, assim algumas dessas manifestações passaram a ser consideradas Arte, outras pornografia.

Hoje, quando a violência sexual contra crianças e adolescentes solda-se a imagens e/ou sons e/ou textos, temos o caminho para a produção pornográfica que envolve um mercado lucrativo, que movimenta muito dinheiro e vende visões de juventude para quem quiser e puder comprar.

Com o uso e a disseminação das tecnologias das TCIs que possibilitaram a conexão pela Internet, outras faces dessas questões ficaram mais evidentes, com as características próprias do ciberespaço e da cibercultura, evidenciadas pelas propriedades da Rede, sabendo que a cibercultura é uma cultura própria com valores e regras próprios.

Entre as características da Rede, entendida aqui como a Internet, cito: A comunicação estendendo-se em todas as direções (COSTA et al, 2003): A possibilidade de troca/venda de mensagens e imagens tanto é vertical – rapidez que chega em “tempo real”; quanto é horizontal e dispersiva – todo o mundo está a um clique. Em todo lugar a todo tempo. A fantasia de onisciência humana disponível pelo clique.

Pode-se dizer então que a grande contribuição das novas tecnologias de informática e comunicação é que, ao mesmo tempo que elas rompem as barreiras espaço-temporais possibilitando a comunicação à distância e em tempo real de múltiplos sujeitos geograficamente dispersos, fornecem estruturas técnicas para a comunicação e o acesso à informação em rede.[...] (UNICAMP¹⁰, 2001).

A possibilidade de interação: A comunicação entre pessoas é, talvez, a característica mais própria da Rede. Ela não é exclusiva da Internet, porém, nenhum outro meio de comunicação possibilitava tamanha troca e resposta rápida.

Isso facilitou a troca ou venda de imagens e sons, que já era realizada numa escala de menor rapidez, com a Internet essa possibilidade de interação foi enormemente ampliada e na medida em que se dinamiza traz infinitas possibilidades.

[...] A verdadeira interatividade não é absolutamente um conceito técnico. É, no fundo, a conversação, a mais aberta e livre possível, entre seres humanos, não é? E acho que hoje temos tecnologias que permitem a abertura dessa conversação. Permitem que essa conversação ultrapasse as fronteiras dos países, as fronteiras das disciplinas e as das instituições [...] (LÉVY, 2001).

A descaracterização da autonomia e interferência textual. O hipertexto: Na Internet imagens e textos são transformados em hipertextos. Tudo o que está ao meu redor é, de certa forma, um pequeno ponto e, se eu o seguir, há como um hipertexto atrás que se ramifica no infinito. (LÉVY, 2001).

Os hipertextos são textos que à medida que são disponibilizados, enviados ou trocados passam a ser revistos, refeitos, reelaborados pelo coletivo da rede que se estabeleceu dentro da Rede. Com esse movimento permanente há uma maior dificuldade de se estabelecer a autonomia, inclusive, podemos pensar em autorias coletivas, que trabalham em cooperação num objetivo comum, seja ele movimentos sociais de luta por um bem público e que produz um texto coletivo, seja uma trabalho científico feito por pesquisadores à

quilômetros de distância e que será disponibilizado para o bem comum, ou seja uma foto de pornografia infantil cuja autoria permanecerá no anonimato.

Na união dessas características da Rede com a temática da violência sexual contra crianças e adolescentes encontramos a possibilidade do uso da Internet como o maior veículo para compra, venda e disseminação de imagens e vídeos de pornografia, exploração sexual infantojuvenil e o envolvimento “consentido”¹¹ de adolescentes com adultos para fins sexuais iniciado a partir da Internet. com todas as implicações recorrentes e vindouras dessa realidade.

Quando utilizada para esse fim, a Internet quase garante o anonimato (e dá uma sensação 100% segura dele) que muitas vezes se confirma. Difícil localizar autores e compradores, pois são um mundo à parte, escondido nas manhas da Rede, muitas vezes só reconhecido por quem participa desse mundo. Também são muitas as dificuldades – dispositivos legais, dificuldades técnicas, dificuldade ideológica, entre outras - que a justiça e as polícias encontram na resolução dessas situações, com tantas nuances possíveis. (FÁVERO, 2006, p. 37)

Esses aspectos são de aumentada importância. Cada vez mais jovens possuem acesso à Internet e a escola, muitas vezes, não caminha pareada com essas mudanças, permanecendo com os olhos fechados para toda essa complexidade em nome de uma esperada frieza e neutralidade, que historicamente instituiu-se na escola tradicional, como necessárias a aprendizagem, segundo Freire (1987). Mas o ser inteiro depende de:

Assumir-se como ser social e histórico, como ser pensante, comunicante, transformador, criador, realizador de sonhos, capaz de ter raiva porque capaz de amar (FREIRE, 2003, p. 46)

COMO CAMINHAMOS

[..] retornar ao mundo da vida, tal qual aparece antes de qualquer alteração produzida por sistemas filosóficos, teorias científicas ou preconceitos do sujeito: retornar à experiência vivida e sobre ela fazer uma profunda reflexão que permita chegar à essência do conhecimento, ou ao modo como este se constituiu no próprio existir humano. (FORGHIERI, 2002, p. 59).

Ao me perguntar se os jovens de uma turma do ensino médio da instituição que eu trabalho percebiam as questões referentes às evidências e riscos de violência sexual na Internet e qual o sentido que eles davam à violência sexual na Internet minha proposta era trabalhar com um grupo de adolescentes, na tentativa de, balizada por essas perguntas, descrever os processos que levaram a pensar, refletir, decidir, discutir e questionar pontos dessa realidade junto com jovens num esforço de, a partir da experiência de cada um deles com a Internet e experiências reais de suas vidas, alcançar questões essenciais e ouvir os jovens.

Além disso, me questionava se, era possível que por meio das relações estabelecidas por esses jovens, seja através dos recursos da Rede, seja através dos relacionamentos estabelecidos, construir práticas das quais a educação poderia dispor para o enfrentamento ou a prevenção da violência sexual.

A natureza dessas inquietações me levou a pensar num método de pesquisa que considerasse o homem como um ser subjetivo, ainda que histórico e social, não determinado unicamente por sua posição datada, nem marcado somente por sua situação social e biológica. Por esses motivos, desde o princípio, estive inclinada à pesquisa com inspiração fenomenológica.

De maneira extremamente resumida, entendemos a fenomenologia, ao longo da pesquisa realizada, como um método que propõe de forma absolutamente radical mergulhar nos fenômenos que conhecemos e olhá-los de maneira totalmente nova. Para que esse método seja possível é preciso desde o início do estudo exercitar a familiaridade com o tema e ao mesmo tempo despir-se de todo pré-conceito, mesmo que isso pareça um paradoxo (BICUDO, 1983).

Ao pé da letra, a Fenomenologia é o discurso sobre aquilo que se mostra. Esta proposta de estudo sobre o mundo desenvolveu-se na filosofia, fundamentalmente no pensamento de Husserl, sendo que ele próprio evoluiu seu pensamento ao longo de sua vida e obra. Após Husserl, seu mais famoso aluno Heidegger continuou a aprofundar-se nesse enfoque. Porém, hoje se percebe que vários teóricos com várias teorias fenomenológicas foram postuladas após Husserl. O enfoque fenomenológico precede de fatos diversos para sua implementação como método (atitude do pesquisador, a natureza do objeto de pesquisa entre outros).

Quanto ao trabalho com os grupos utilizamos a perspectiva do grupo focal (FLICK, 2004) e (GASKELL, 2002) numa junção com os aspectos da teoria de escuta empática de Rogers (1982).

ALGUMAS REFLEXÕES E QUESTÕES

As transformações tecnológicas geram mudanças ocasionadas principalmente pelas modificações nas relações, numa rede de fios entrelaçados e crescentes. Essa nova relação com a informação parece, a princípio não modificar as relações, ampliá-las talvez; porém, a medida que vamos refletindo sobre as formas de violência, em especial a violência sexual que utiliza esse meio (Internet), começamos a questionar se as características individuais e sociais são apenas reafirmadas ou modificadas por essas relações.

Parece-nos que os recursos da rede são importantes para os jovens, que compreendem as novas formas de ser/estar (tempo/espço) que podemos entender como uma cibercultura; mas, isso não significa a perda das relações e laços fundados pessoalmente. A Rede pode ser um recurso a mais para essas relações e, portanto, para a Educação na prevenção de todo tipo de violência.

Considero que os jovens conhecem bem a Internet. Levando em consideração seus usos, percebo que as relações pela Internet podem se aprofundar, mas isso acontece mais facilmente se passarem a ser relações reais. Ou o inverso: a Internet serve para os jovens, além dos usos práticos de pesquisa e lazer, como recurso para manter-se ou aprofundar-se relações reais. Por isso, talvez seja o *locus* para se investir na criação de redes de apoio e cooperação entre esses jovens: comunidades virtuais mediadas pela escola ou como produção de alguma temática específica levantada pelos próprios jovens, listas de discussões, sites de relacionamento.

Para os jovens tudo que a Internet oferece precisa ser mais e mais apropriada pelos educadores e pela escola para que haja mais possibilidades que as ditas aqui. Isso aparece

também quando conversamos sobre como a escola poderia participar mais do cotidiano de emoções que cercam a adolescência. As respostas sempre levavam para relacionamentos reais entre educadores e jovens, ainda que pudessem ser mediados pelos recursos da Internet em alguns momentos.

Os relacionamentos na escola entre seus autores e as falas dos jovens sobre essas questões podem ser mais investigados. Para isso, pode ser importante investir em pesquisas colaborativas, que deem voz aos sentidos dos jovens nas relações estabelecidas entre eles e entre eles e seus professores. É possível que muitas formas de enfrentamento da violência sexual apareçam dessas relações ao se pesquisar no sentido mais amplo da prática e da esperança de mudança por meio da consciência: “[...] enquanto necessidade ontológica a esperança precisa da prática para tornar-se concretude histórica” (FREIRE, 1992).

O processo de pesquisa proposto foi árduo pela temática, extremamente satisfatório pelas relações estabelecidas e pleno de novas questões pela própria natureza do método e posição teóricas escolhidos. Ao falar de uma temática que tem estado a todo o momento nos jornais e revistas eu entendia que o fenômeno estava posto, porém, ao mergulhar nessa pesquisa com os jovens que me guiaram, pude perceber que o fenômeno era visto de maneiras distintas, mas ainda assim era o mesmo fenômeno, presente também como um exercício de evocação, autopercepção (PINEL, 2006) e de descrição das questões que gritavam e emergiam no oceano dos encontros que tive com os jovens.

Reflito nesse momento sobre minha atuação e, com ela minha responsabilidade ao escrever as letras que registram o percurso dessa pesquisa. Como pedagoga quer sou, entendo que toda minha trajetória e atuação são pedagógicas. Disso encontramos o melhor de mim e o mais difícil para mim.

O melhor de mim pode ser descrito como a amplidão de possibilidades que esse lugar da educação traz, ao permitir e entender indissociável à pesquisa que a aprendizagem mútua aconteça. Ao ouvir a voz dos jovens que me permitiram isso, e ao ser ouvida por esses mesmos jovens aprendi com eles e sei que eles também aprenderam.

Ser mestre não é cortar a direito à força de afirmações, nem dar lições para aprender, etc; ser mestre é verdadeiramente ser discípulo. O ensino começa quanto tu, o mestre, aprendes com teu discípulo, quando te colocas naquilo que ele compreendeu, na maneira como compreendeu, [...]. (KIERKEGAARD, 1859/1986, p. 42)

O mais difícil para mim foi utilizar os parâmetros humanos de sensibilidade, evitando tanto que o hiper direcionamento das discussões quanto a ilusão de que a grandeza e a complexidade da temática poderia impedir-nos de abordá-la dentro, principalmente, do *locus* da educação formal. Muitas vezes duvidei de mim mesma, mas tentei nunca duvidar dessa possibilidade.

Ao nos posicionarmos frente a esse complexo desafio, entendemos a escola como mediadora de sentidos de cuidado próprio e cuidado do outro. Esse sentido dado à escola foi o sentido permanentemente posto pelos jovens.

Ao agirmos, ao fazermos nossas escolhas, nos relacionamos com nossa própria existência (KIKERKEGAARD, 2008). Mas, entender que temos escolhas nos deixa envoltos em angústia, “A angústia [...] seria o momento na existência do ser.” (KIERKEGAARD, 1844/2008, p. 99). Com certeza os caminhos desse trabalho foram envoltos em angústia e possibilidades. Ao longo dos momentos em que o grupo colocava o que eles já haviam experienciado seja de ouvir falar, ou ver, ou sentir, sobre a violência sexual, na Internet ou fora dela, foram sendo revisto todos os conceitos do que é essa violência. E as falas e posições foram mudando conforme fomos vendo que na verdade, mesmo que a violência não se apresente crua em nossas vidas ela afeta, de formas diversas, a todos.

A angústia constitui o possível da liberdade e apenas essa angústia forma, pela fé, o homem, no sentido completo da palavra, absorvendo todas as finitudes, descobrindo todas as ilusões. (KIERKEGAARD, 1844/2008, p.185)

Por isso, ainda que nos coloque frente nossa incompletude, foi bom passar por esses momentos: “[...] direi somente que tal aprendizagem é uma ventura que nos é essencial experimentar se não quisermos a nossa perdição por jamais termos conhecido a angústia ou nela imergido. Eis a razão porque a real aprendizagem da angústia representa o supremo saber.” (KIERKEGAARD, 1844/2008, p. 185)

NOTAS

¹ Crimes Against Children Research Center (CCRC).

² Youth Internet Safety Surveys (YISS-1 and YISS-2).

³ Internacionalmente esse tecnologia é conhecida pela sigla ICTs – Information Communication Technologies. Em Português a palavra tique tem haver com modos característicos ou espasmos e por isso opta-se em utilizar a sigla TCIs – Tecnologias da Comunicação e da Informação. (SIQUEIRA, 2007, p. 170)

⁴ Disponível em <<http://www.anped.org.br/inicio.htm>>.

⁵ Em parceria com institutos de pesquisa, o CETIC.br coordena e publica anualmente a Pesquisa sobre o uso das Tecnologias da Informação e Comunicação no Brasil - TIC DOMICÍLIOS e TIC EMPRESAS cujos dados foram utilizadas nesse trabalho.

⁶ E é importante pesquisas que o façam.

⁷ Como o Programa Computador para Todos do Governo Federal que reduziu a carga de impostos.

⁸ Esse termo surgiu em 1984, por William Gibson, no livro de ficção-científica Neuromancer, numa junção dos termos cibernético com espaço e, no contexto de livro, pode ser entendido como uma alucinação coletiva que inundava as pessoas pelos seus computadores.

⁹ São inúmeros os exemplos que podem ser dados. Um caso famoso é a obra e a vida de Lewis Carrol pseudônimo do escritor e matemático inglês Charles Dodgson. Sua postura em relação a muitas meninas, sua frase: "Gosto de crianças (exceto meninos)", o fato de se dedicar a fotografar meninas, às vezes nuas e o livro lançado com suas cartas às essas meninas deixam grandes dúvidas quanto às suas intenções. Mas, parte de sua obra, principalmente a história de Alice no País das Maravilhas foi encaminhada para o futuro sem alusão aos demais fatos. Mais exemplos, esses na pintura: o do quadro A Vénus de Urbino, do genial pintor Ticiano, a qual está pintada uma bela adolescente nua. Ou o quadro Menina de Chapéu de Renoir: uma adolescente com a camisa entreaberta. E ainda o quadro Concerto de Jovens de Caravaggio: quatro jovens seminus tocando e o símbolo do amor impresso no quadro.

¹⁰ UNICAMP. Projeto Sapiens: Bases Preliminares para um Ambiente Colaborativo de Aprendizagem. 2001. Disponível em < <http://www.dca.fee.unicamp.br/projects/sapiens/> >. Acesso em 08 abr. 2009.

¹¹ O termo consentido é usado entre aspas porque compreende mais do que seu sentido literal. Consentido aqui passa a ter diversos sentidos e possibilidades: pode ser entendido como consentido a partir de ameaça, coação, sedução; pode ser consentido por meio de manipulação sentimental, status, pode ser entendido com-sentido, ou seja, o sentido entendido com aquela situação.

REFERÊNCIAS

1. ANDI, **Agência de Notícias dos Direitos da Infância**. Disponível em <http://www.andi.org.br/>. Acesso em 20 fev. 2009.
2. AZEVEDO, Maria Amélia. Contribuições Brasileiras à Prevenção da Violência Doméstica contra Crianças e Adolescentes. In: WESTPHAL. Márcia Faria (org.). **Violência e Criança**. São Paulo: Edesp, 2002.
3. BICUDO, Maria Aparecida Viggiani. Prefácio. In: MARTINS, Joel; BICUDO, Maria Aparecida Viggiani. **Estudos sobre existencialismo, fenomenologia e educação**. São Paulo: Moraes, 1983.
4. COSTA, Larissa et al (Coord.). **Redes: uma introdução às dinâmicas da conectividade e da auto-organização**. WWF-BRASIL. 1 edição. 2003.
5. DOS SANTOS, Rogério Santanna. Pela primeira vez mais da metade da população já teve acesso ao Computador. In: BALBONI, Mariana Reis.

Pesquisa sobre o Uso das Tecnologias da Informação e da Comunicação no Brasil : TIC Domicílios e TIC Empresas 2007. São Paulo: Comitê Gestor da Internet no Brasil, 2008. Disponível em: www.cetic.br. Acesso em 02 abr. 2009. p. 35 - 39

6. FÁVERO, Rutinelli da Penha. **Os nós da rede e a violência sexual contra crianças.** 2006. Monografia (Especialização em Gestão Escolar). Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2006.
7. FINKELHOR, David; MICHELL, Kimberly J; WOLAK, Janis. **Online victimization: A report on the nation's youth.** Alexandria, VA: National Center for Missing & Exploited Children. 2000.
8. FOERSTE, Gerda Margit Schütz. **Leitura de imagens: um desafio à educação contemporânea.** Vitória: Edufes. 2004.
9. FORGHIERI, Yolanda Cintrão. **Psicologia fenomenológica: fundamentos, método e pesquisas.** São Paulo: Pioneira, 2002.
10. FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia – Saberes necessários à prática educativa.** 15ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2003.
11. _____. **Pedagogia do oprimido.** 17 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
12. _____. **Pedagogia da esperança: Um reencontro com a pedagogia do oprimido.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.
13. GASKELL, George. Entrevistas individuais e grupais. In: GASKELL, G.; BAUER, Martin W. (Orgs.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático.** Petrópolis: Vozes, 2002. p. 64-89.
14. GREGORI, Maria Filomena. **Cenas e queixas: um estudo sobre mulheres, relações violentas e a prática feminista.** Rio de Janeiro: Paz e Terra; São Paulo: ANPOCS, 1993.
15. KIERKEGAARD, Soren. **Migalhas filosóficas: Ou um bocadinho de filosofia de João Clímacus.** 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1844/2008.
16. _____. **Ponto de vista explicativo da minha obra.** Lisboa: Edições 70, 1859/1986.
17. _____. **O conceito de angústia.** São Paulo: Hemus, 1844/2007.
18. KUROSE, James F.; ROSS, Keith W. **Redes de computadores e a internet: uma nova abordagem.** São Paulo: Addison Wesley, 2003.
19. LANDINI, Tatiana Savoia. **Pornografia infantil: proliferação e visibilidade.** Dissertação de Mestrado. . Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Departamento de Sociologia. Universidade Federal de São Paulo. 2000.
20. LÉVY, Pierre. **Cibercultura e a inteligência coletiva.** TV Cultura, em 08 de janeiro de 2001. Entrevista concedida à Paulo Markun,. Disponível em <<http://blog.controversia.com.br/2008/01/27/pierre-levy/>>. Acesso 13 abr. 2009.
21. LÉVY, Pierre. **Cibercultura.** São Paulo: Editora 34, 1999.

-
22. MINAYO, Maria Cecília de Souza. Contribuições Brasileiras à Prevenção da Violência Doméstica contra Crianças e Adolescentes. In: WESTPHAL, Márcia Faria (org.). **Violência e Criança**. São Paulo: Edesp, 2002.
 23. PINEL, Hiran. Nascimentos! Inventando & produzindo “Nascimentos de Protagonistas Estrelares” nas existências e nas práticas educacionais (escolares ou não). In: JESUS, Denise Meyrelles de et al. **Pesquisa e Educação Especial: mapeando produções**. Vitória: EDUFES, 2006b.
 24. ROGERS, Carl Ransom. **Grupos de encontro**. 4. ed. - Sao Paulo: Martins Fontes, 1982.
 25. UNICAMP. **Projeto Sapiens: Bases Preliminares para um Ambiente Colaborativo de Aprendizagem**. 2001. Disponível em <
<http://www.dca.fee.unicamp.br/projects/sapiens/> >. Acesso em 08 abr. 2009.
 26. VIGARELLO, Georges. **História do estupro: violência sexual nos séculos XVI-XX**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.
 27. WOLAK, Janis; et al. **Online “Predators” and Their Victims: Myths, Realities, and Implications for Prevention and Treatment**. *American Psychologist*, vol. 63, nº 2, pp. 111-128, Fevereiro-Março, 2008.
 28. WOLAK, Janis; MICHELL, Kimberly J, & FINKELHOR, David. **Internet sex crimes against minors: The response of law enforcement**. Alexandria, VA: National Center for Missing & Exploited Children, 2003.
 29. WOLAK, Janis; MICHELL, Kimberly J; FINKELHOR, David. **Online victimization: 5 years later**. Alexandria, VA: National Center for Missing & Exploited Children, 2006.